

ARQVIVO  
DO DISTRITO DE  
AVEIRO

VOLUME XXXVI

1970

# HOMENAGEM DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS A FERREIRA DE CASTRO

**E**M 1966, cinquentenário do aparecimento do primeiro romance de FERREIRA DE CASTRO, várias cerimónias comemorativas se realizaram no Rio de Janeiro (Academia Brasileira de Escritores, Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Yeixoto, «Casa dos Quixotes», Liceu Literário Português) e em Portugal (Cova da Piedade, Covilhã, Ofir (Fão), Lisboa, Santarém, Porto e Alhandra).

Em Aveiro, prestaram notável homenagem ao ilustre Escritor os Clubes Rotários de Aveiro, Estarreja, Ovar e S. João da Madeira, em sessão solene realizada no Grémio do Comércio, em 23 de Julho; e, no dia imediato, em almoço rotário servido no salão de festas das Fábricas Aleluia, a que se seguiu visita a Ossela, terra natal do Escritor.

Graças à iniciativa da Câmara Municipal de Azeméis, a que se agregou uma Comissão especial, tiveram o seu termo no dia 30 de Dezembro daquele ano as comemorações do Cinquentenário: cerca das 17 horas, inaugurou-se o monumento consagrador da obra de FERREIRA DE CASTRO, na Praceta de D. Maria I, situada perto do edifício camarário — acto em que a estátua do *Emigrante* foi descerrada pela filha do Escritor —, e, a seguir, realizou-se sessão solene no salão nobre da Câmara.

Tomou a presidência o Dr. Artur Correia Barbosa, Presidente do Município, que tinha à sua direita Ferreira de Castro, João da Silva Correia e Assis Esperança e à esquerda o Dr. Carlos do Vale, o Dr. Alvaro Salema e o jornalista Eduardo Cerqueira.

Ocuparam os lugares de honra D. Helena e D. Elsa Beatriz Ferreira de Castro, respectivamente Esposa e Filha do Romancista; os aveirenses Mário Sacramento e João Sarabando; Dr. Mário Braga e Dr. Alberto Saavedra e Dr. Sardoeira Pinto, membros da

## HOMENAGEM A FERREIRA DE CASTRO

Comissão promotora, que representavam todas as actividades do concelho.

Eis as palavras de cada um dos três principais oradores da sessão:

### I—DO DR. ARTUR CORREIA BARBOSA

Começou por se referir à infância de FERREIRA DE CASTRO, depois do que acrescentou:

«—Vem isto para dizer a V. Ex.<sup>as</sup> que Oliveira de Azeméis, como não podia deixar de ser, se orgulha do seu conterrâneo e quando o País, de Norte a Sul, de Nascente a Poente, celebra festivamente os 50 anos da iniciação literária do grande romancista, não podia ficar indiferente a tão justíssimas manifestações de admiração pelo seu formosíssimo talento.

Por isso a Câmara Municipal e uma comissão de admiradores e amigos de Ferreira de Castro não quis deixar findar o ano das comemorações sem lhe prestar uma homenagem, simples é certo, mas cheia de simpatia e de sinceridade. Ali fica naquele bronze, que me parece simboliza mais a obra e o espírito de Ferreira de Castro do que particularmente o emigrante, a admiração e a simpatia dos seus conterrâneos. Obra do escultor Eduardo Tavares, professor da Escola de Belas-Artes do Porto, que foi forçado a ausentar-se para o estrangeiro em viagem de estudo, mas a quem eu dirijo os meus cumprimentos de muita estima e admiração pelas suas invulgares qualidades artísticas, ela foi custeada pela Câmara Municipal e por subscrição pública. E eu aproveito esta ocasião, para, muito sensibilizado e com muito reconhecimento, agradecer aos membros da comissão que com tão boa vontade e interesse me auxiliaram neste empreendimento e a todas as pessoas que com tanta gentileza e generosidade subscreveram para esta justíssima homenagem.»

Por fim, referiu-se a José Tavares, «orador oficial da sessão», e terminou manifestando o seu reconhecimento a todos os que ali haviam comparecido, e à Imprensa, pela colaboração dispensada àquela homenagem e às iniciativas municipais.

### II—DE JOSÉ PEREIRA TAVARES

«Em carta de Setembro último, convidou-me o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Artur Correia Barbosa, digníssimo Presidente da Câmara de Azeméis e Presidente da Comissão que promoveu a homenagem que hoje se está prestando a FERREIRA DE CASTRO, para ser o «orador oficial» desta sessão.

Percebendo o motivo da escolha, não hesitei um momento sequer; e, agradecendo, a minha resposta foi a de que aceitava o honroso encargo e de que faria todos os esforços por não desmerecer da confiança que a Ex.<sup>ma</sup> Comissão em mim punha.

É mui digna de louvor a Ex.<sup>ma</sup> Comissão, não só pela iniciativa de perpetuar com monumento condigno a memória deste eminentíssimo escritor do nosso concelho, já galardoado por estrangeiros em sessões públicas, e cujas principais obras se acham traduzidas em numerosos idiomas, mas também por nos dar azo a que todos lhe possamos patentear pessoalmente, neste lugar, a nossa muito sincera veneração.

Saúdo-a muito cordialmente, como saúdo a todos quantos se dignaram vir assistir a este acto, entre os quais se encontram notáveis valores das letras e da crítica, que terão de desculpar, como a restante assistência, a pobreza e a modéstia da minha exposição.

Saudação especial tenho o grande prazer de dirigir a FERREIRA DE CASTRO, — honra de uma aldeia do nosso concelho, honra do distrito de Aveiro, honra de Portugal e — porque não dizê-lo? — honra da Humanidade.

\*

Propunha a Ex.<sup>ma</sup> Comissão que na palestra me ocupasse da vida e obra de FERREIRA DE CASTRO.

Ora dá-se o caso de os dois temas já haverem sido largamente tratados por críticos competentes.

Além disso, antes das homenagens que no nosso distrito recentemente se prestaram ao grande Escritor — a última das quais em Aveiro e Ossela, no mês de Julho último —, já o saudoso Jaime Brasil havia reunido no vol. v da Colecção — «A Obra e o Homem» —, da Editora Arcádia, copiosíssimos e bem esclarecidos depoimentos acerca do nosso ilustre conterrâneo.

Resolvi, portanto, dar outra orientação ao meu trabalho.

O Escritor a quem tributamos homenagem e o «orador oficial» desta sessão nasceram ambos em freguesias do concelho, não muito distantes uma da outra: o primeiro, em Ossela, situada no aprazível vale do rio Caima; o segundo, no Pinheiro da Bemposta, freguesia contígua a Palmaz, esta banhada também pelo Caima e vizinha de Ossela.

Actualmente, para que um habitante de qualquer das duas freguesias visite a outra, forçoso lhe será passar pela vila; dentro em pouco, concluída a estrada que se anda a abrir ao longo da margem direita do Caima, a partir da que de Palmaz e por Macinhata da Seixa conduz à vila, fácil será a osselenses e pinheirenses visitarem-se, visto entre eles medearem apenas escassos quilómetros.

O Escritor nasceu em 1898, de família humílisma; de família humílisma viera ao Mundo, onze anos antes, a pessoa que a Ex.<sup>ma</sup> Comissão promotora da homenagem quis que falasse nesta sessão.

*HOMENAGEM A FERREIRA DE CASTRO*



Inauguração do monumento a Ferreira de Castro,  
em Oliveira de Azeméis, a 30 de Dezembro de 1966

Quando FERREIRA DE CASTRO, simplesmente com o exame do 2.º grau de Instrução Primária, partiu para o Brasil (1911), iniciava o outro os estudos no Curso Superior de Letras, com destino a professor liceal, cargo a que ascendeu em 1916, no Liceu de Viseu; e na altura em que aquele, após odisseia cortada de inúmeras dificuldades e sofrimentos, regressou a Portugal, em 1919, já o pinheirense passara de professor agregado a efectivo e conseguira fixar-se definitivamente no Liceu de Aveiro, no qual veio a trabalhar durante mais de quarenta anos.

Que destinos tão díspares os destes dois oliveirenses!

Ambos saídos do Povo, conseguiu um singrar sem grandes dificuldades e tirar um curso, ao passo que o outro, completamente desamparado, teve de se entregar a corajoso autodidactismo, para atingir posição social condicente com as virtualidades de que se reconhecia, e muito bem, possuidor.

E afinal, se o Estado tomasse a seu cargo o destino das crianças pobres em quem se reconhecessem inteligência e aptidões fora do vulgar, outra, muito diferente, teria sido a carreira de FERREIRA DE CASTRO.

Perdem-se, por todo o País, muitas competências, simplesmente por falta de meios das famílias; as crianças fazem exame de Instrução Primária e depois, mesmo que entre elas haja algumas de excepcionais qualidades, todas continuam amarradas à terra, as mais das vezes a esquecer o que lhes foi ensinado.

A protecção que as entidades oficiais têm oferecido a alunos pobres, applicados e capazes — pagamentos de propinas, bolsas de estudo, etc. — é coisa insignificante comparada com o que era mister e justo que se fizesse.

Suponhamos então que esse rapazito — José Maria Ferreira de Castro —, dos Salgueiros de Ossela, pobre e órfão de pai, era amparado por entidades oficiais, que o levavam a iniciar o seu curso secundário no Liceu de Aveiro.

Ter-se-ia matriculado na 1.ª classe precisamente no ano em que o pinheirense entrou para o Curso Superior de Letras, em Outubro de 1910.

Nesse Liceu, donde o outro saíra em 1907, com a 5.ª classe, teria FERREIRA DE CASTRO encontrado ambiente ideal para o seu temperamento: os professores, mesmo os menos competentes, respeitavam a personalidade dos alunos, como que na louvável preocupação de formar cidadãos portugueses de carácter, independentes, tolerantes, compreensivos, desprovidos de subserviências de qualquer espécie.

Ponhamos a hipótese de que o nosso osselense tinha a sorte de receber na disciplina de Português, da 1.ª à 5.ª classe, ensinamentos de professor ideal, que fundamentasse a sua tarefa em frequentes exercícios de leitura, na interpretação dos autores

exemplificados no *Livro de Leitura* e da *Selecta Literária* e em bem orientadas redacções —, considerando a Gramática, não compêndio para se decorar, mas simples registo de normas a seguir na expressão pura, correcta e clara da linguagem, isto é, banindo a tradição da aprendizagem e fixação de inúmeras regras gramaticais e reduzindo ao mínimo indispensável a análise gramatical e lógica, que, diga-se de passagem, ainda hoje constitui preocupação quase exclusiva de certos professores, capazes de conseguir que os seus alunos papagueiem na perfeição milhentas regras, mas absolutamente incapazes de os apresentar a ler impecavelmente, a exprimir-se com facilidade e a escrever convenientemente a sua Língua — único escopo, afinal, desse ensino.

FERREIRA DE CASTRO teria revelado, logo a partir da 1.<sup>a</sup> classe, irresistível pendor para redacções; os seus progressos ir-se-iam patenteando semana a semana e, como prémio, os seus trabalhos escritos seriam lidos perante a turma, para servirem de exemplo e estímulo aos condiscípulos.

Aluno aplicado, brilharia especialmente em Português, sem embargo de dar boa conta de si nas demais disciplinas.

Se nas 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> classes — que cursaria noutro liceu, visto nessa altura o de Aveiro ter só cinco classes — tivesse a felicidade de receber apropriada orientação em Literatura Portuguesa, seria encaminhado para o conhecimento e análise literária das principais obras dos autores das diversas épocas e períodos, em total contraste com o obsoleto ensino baseado na simples fixação dos autores e no conhecimento das biografias e da lista das obras de cada um deles.

Nada custa a crer que FERREIRA DE CASTRO fosse o melhor aluno da turma e que começasse a produzir obras de ficção, para o que, desde as primeiras classes, revelara marcada tendência.

Tirado um Curso Superior — em Faculdade de Letras ou Direito —, FERREIRA DE CASTRO viria a ser, acima de tudo, um notável romancista. As suas primeiras produções teriam por ambiente os lugares seus conhecidos, nos quais abundavam tipos humanos que não escapariam à sua perspicácia.

Brasileiros, por certo, não faltariam, pois foi muito pronunciada e decisiva a acção de indivíduos do nosso concelho que no seu tempo «iam para o Brasil».

Em primeiro lugar, os que abalavam com o fito de arranjar meios para se poderem casar ou para construírem um prédio e que, decorridos dois, três anos, regressavam já a exprimir-se com o sotaque carioca e a afirmar, com emproada ênfase, que Portugal era um «país muito atrásado»... Depois, extinto o modesto capital amealhado, repetiam a aventura e, passado um tempito, chegavam com dinheiro suficiente para uma vida mais desafogada.

Havia também os que voltavam com razoável ou mesmo avultado pecúlio e, ainda, os que não mais eram vistos na aldeia, donde, por fim, arrastavam para o exílio mulher e filhos.

Mas FERREIRA DE CASTRO não tirou qualquer curso: por habilitações oficiais, e a despeito da sua ânsia de saber, teve de contentar-se com as do exame do 2.º grau de Instrução Primária, a que corajosamente juntou os benefícios daquela escola voluntária em que se é, ao mesmo tempo, director, professor e aluno...

A ambição de subir na escala social lançou-o, com pouco mais de 12 anos de idade, na aventura do Brasil.

Todos sabemos as dificuldades que encontrou, as torturas que sofreu e como se entregou à aquisição da cultura literária que lhe satisfizesse a justa ambição de se lançar no exercício da pena.

Também ninguém ignora que a sua estreia de ficcionista se fez com a novela — «Criminoso por Ambição» —, redigida aos catorze anos, mas que só veio a ser publicada, em fascículos, em Belém do Pará, no ano de 1916, ou seja quando o autor tinha 18 anos de idade.

Até há pouco, supunha eu que essa novela se passava exclusivamente em Ossela e proximidades. Graças, porém, à amabilidade de FERREIRA DE CASTRO, pude conhecê-la em todos os seus pormenores, através da leitura dos nove fascículos que a formam.

A acção decorre em Ossela; a bordo de um vapor que se dirige ao Rio de Janeiro; no Pará, e em Vila Nova de Famalicão.

Há dois pretendentes à mão de uma menina rica, de Ossela, chamada Beatriz: um, pobre e digno, que por ela é correspondido em sua paixão, com total aprazimento do pai; outro, rico e nobre, mas de péssimo carácter, que sonha juntar-se a Beatriz simplesmente com o fim de aumentar a fortuna.

O primeiro, Simão Rafael dos Anjos, resolve procurar no Brasil alguns meios de fortuna que mais o aproximem da sua amada; o segundo, Diogo Cláudio de Oliveira, disfarçado, vai-lhe no encalço, no mesmo vapor, a fim de o liquidar, para depois ficar com o campo livre.

Nada conseguindo, apesar de duros embates com o rival, o primeiro dos quais a bordo do próprio navio, Diogo regressa a Portugal, rapta Beatriz e leva-a para Vila Nova de Famalicão; mas, em virtude de vários incidentes, não consegue consumir a sua protéria.

Simão, por fim, regressa do Pará com a fortuna de quinhentos contos que na altura de profundo desânimo, prestes a levá-lo ao suicídio, lhe haviam saído na lotaria, — e casa-se com Beatriz, ante a total derrocada de Diogo, que, mercê de torpes e insensatíssimas manigâncias, perdera toda a sua fortuna.

Este «sensacional romance», que o autor declara «expurgado de fantasia», tem-na, afinal, em abundância: não lhe faltam mesmo lances rocambolescos.



## HOMENAGEM A FERREIRA DE CASTRO

O leitor, porém, facilmente esquece tudo quanto sejam ingenuidades, imperfeições e lapsos, para se extasiar ante as bem vindas qualidades literárias que o novel autor revela.

Como a obra não é, infelizmente, conhecida, farei agora a leitura de vários passos que lhes mostrem a garra do incipiente escritor e lhes dêem rápidos quadros da vida do seu primeiro emigrante, ao depois soberbamente ampliados e enriquecidos em «Emigrantes» e «A Selva», a propósito dos dramas de Manuel da Bouça e de Alberto, respectivamente.

Em primeiro lugar, trechos do capítulo VI, intitulado — «Dia de Reis»:

*«Raiou o dia dos três Reis Magos.*

*Para o jornaleiro, para o operário que trabalha durante o dia para sustentar a sua família, quando é dia santificado, embora nesse dia não tenha salário, sente um prazer indefinido, um bem-estar inexplicável.*

*Mas para um desgraçado que num destes dias tem de abandonar todos que lhe são caros, não tem ânimo nem para vir à janela, para não invejar os que em alegre companhia se dirigem à igreja, à feira ou a qualquer outra parte.*

*Isto dava-se com Rafael dos Anjos.*

*Às onze horas, tomou o caminho da igreja.*

*O povo, em grupos, afluia ao adro da matriz por saber que naquele dia havia leilão das prendas oferecidas durante as festas natalinas ao «Menio Deus» e outras cerimónias religiosas.*

*Quando Simão chegou ali, ainda não havia começado a missa. Num grupo estavam quatro ou cinco rapazes seus amigos e, portanto, reuniu-se a eles.*

*Se os rapazes eram seus amigos, naquele dia todos o cercavam das mais altas considerações. Todos, amigos, conhecidos e parentes, olhavam com atenção para o jovem, como para não esquecer a sua fisionomia.*

*Simão, desde que estava no adro, tinha procurado ver passar Beatriz; e, não a vendo, entrou na igreja, convicto de ali a encontrar.*

*... estendendo a vista, deparou com ela ajoelhada junto de um altar...*

*Quando acabou a cerimónia, o padre com o sacristão receberam as ofertas que pela última vez faziam ao «Menino Deus», e, pouco depois, seguiu o leilão.*

*Junto à porta principal do templo, sobre uma mesa, esten-*

*dia-se uma innumerável quantidade de objectos e, por detrás, o leiloeiro apregoava:*

— *Olhem que bonito segredo! Quanto dão?*

— *Cem reis! — gritava um,*

— *Cem reis, cem reis, cem reis!...*

— *Cento e vinte! — gritava outro.*

— *Cento e vinte, cento e vinte, cento e vinte... Vamos, meus senhores!*

— *Cento e oitenta!*

— *Cento e oitenta, cento e oitenta, uma; cento e oitenta, duas; cento e oitenta... Trrim, trrim, trrim...*

— *Reparem na beleza deste par de pombos! — tornou o leiloeiro.*

*E sucessivamente o leiloeiro apregoava, até que alfim chegou a vez de ser exposto à venda o colar oferecido por Simão.*

*O leiloeiro gritou:*

— *Meus senhores e minhas senhoras, este colar só o Deus do amor o podia ter fabricado para dedicar a uma das ninfas. Reparem. Que belo!*

*Beatriz, que tinha visto Simão colocar a jóia no açafate do sacristão, sem contar o empenho que tinha em possuí-la pediu a seu pai que por qualquer forma a comprasse.*

*O Snr. Manuel, logo que o pregoeiro mostrou o colar, ofereceu por ele dez mil reis.*

— *Onze! — disse alguém.*

— *Quinze! — ofereceu o Marques, homem abastado, que também queria a jóia para a sua filha.*

— *Dezasseis! — tornou o Snr. Manuel.*

*E aí começou uma verdadeira disputa ao objecto, entre o pai de Beatriz e o Marques.*

*Finalmente, a jóia, por um preço exagerado, caiu sob o lanço do Snr. Manuel.*

*O leilão ia ficando mais frequentado.*

*Após a venda do colar, foi apresentado ao público o alfinete dedicado ao «Menino» por Antonieta da Silva.*

*Beatriz, certo dia, tinha mostrado o alfinete a Simão, dizendo-lhe o fim a que o destinava.*

*Entretanto o mancebo naquela ocasião não pareceu dar grande importância ao caso; porém, quando o objecto foi exposto ao público, cobriu o lanço de todos e ficou com ele por trinta mil reis.*

*À uma hora da tarde, acabou o leilão.»*

Agora, pertencente ao capítulo VIII, o embarque de Simão:

*«Chegou o dia 12. Era este o dia em que Simão devia embarcar.*

*Cerca das três horas da tarde, Rafael dos Anjos e o Snr. Mário tomavam o eléctrico para Matosinhos.*

## HOMENAGEM A FERREIRA DE CASTRO

*Desceram perto de Leixões e andaram a pé a distância que os separava da barra.*

*Ao porto estavam atracadas duas lanchas à disposição dos passageiros que iam para o «Manauense», que, fundeado na baía, pintado de preto e vomitando grossas camadas de fumo, mais parecia um negreiro do que essas garbosas embarcações que hoje fazem esta linha de navegação.*

*Rafael dos Anjos despediu-se do Snr. Mário, o último amigo que lhe ficava em Portugal; e, mostrando ao mestre da lancha o seu bilhete de passagem, embarcou.*

*Momentos após, achava-se a bordo do transatlântico e, graças ao conhecimento que travou com um dos passageiros, mais conhecedor do navio do que ele, arranhou no porão um imundo beliche, onde colocou alguns objectos de necessidade diária.*

*Finalmente, às cinco e meia horas da tarde, o «Manauense» levantou ferro do porto de Leixões, rumando para o de Lisboa.*

*Aos primeiros embalos do navio, Simão sentiu-se incomodado e, mau grado seu, teve que vomitar.*

*Depois, à medida que o vapor se afastava, deixando à popa as luzes brilhantes da cidade, Rafael dos Anjos monologava:*

*— Quando tornarei a ver a terra que vai desaparecendo? Breve, talvez, ou — quem sabe? — ... nunca mais!*

*Enjoado e aborrecido, foi deitar-se, mas no beliche faltava-lhe o ar, e o cheiro nauseabundo do navio o incomodava; e, por isso, teve que desistir de dormir e voltou ao convés.*

*Só pela madrugada, descendo novamente, conseguiu dormir e, quando acordou, fundeava o «Manauense» no Tejo, em frente a Lisboa.*

*No dia 14, às 9 horas da noite, o «Manauense» levantou o ferro e saiu do quadro de Lisboa, levando a seu bordo cento e tantos portugueses, que, nostálgicos, olhavam tristes para a terra querida que deixavam.»*

Alguns aspectos da vida a bordo, colhidos do capítulo XIII:

*«Geralmente, a bordo de qualquer navio transatlântico, das dez da noite em diante, há quase que completo silêncio: só se ouve o murmurar das ondas que, imitando o arrastar de um vestido, vêm bater-se no costado do vapor. A esta hora, todos os passageiros estão nos seus beliches.*

*Na noite que vamos descrever, o mar, que até à hora acima dita, tinha estado calmo, de súbito tornou-se crepitante, e as nuvens do Oriente ameaçavam grande tempestade, que ia começar muito breve.*

*Logo que as ondas subiram ao convés, foi grande o tumulto: homens e mulheres expunham-se às águas; preces, lamentos e pragas ouviam-se ao mesmo tempo; os marinheiros riam-se por tanto receio da parte dos passageiros; porém o mar, esse colosso*

líquido que tantos seres tem tragado, mas que, em compensação, outros tantos tem levantado do nada, foi ficando bonançoso e a chuva começou a cair com fragor.

Meia hora depois deste incidente, todos os passageiros, já sossegados, foram dormir; todos, excepto Simão, que, não podendo suportar o ar fétido do seu beliche, encostou-se à amurada e assim ficou por muito tempo, entregue às suas recordações.»

Da Segunda Parte do romance, lerei uns passos do capítulo 1, intitulado «No Alto Amazonas», em que se ostenta a total desillusão do aventureiro:

«Não há ninguém no Universo que não deseje ser independente. O pobre trabalha de sol a sol para ajuntar umas míseras moedas ao canto da sua arca; o rico procura duplicar a sua fortuna, o milionário triplicar os seus milhões; e, quanto mais dinheiro possuímos, mais sede de dinheiro temos. Ora a América é o ideal dos desprotegidos da fortuna. Influidos por alguns que, à custa dos mais rudes sacrifícios, conseguiram alguns centos de francos, ei-los que vão às centenas, em busca da riqueza que julgam achar no Novo Mundo.

Grande utopia!

Aí, no meio de estranhos, desconhecendo a terra e os seus costumes, sofrem as maiores privações. No princípio, os sarcasmos que lhes atiram e os árduos trabalhos pouco os fazem sentir, porque a vontade de possuir dinheiro domina tudo; porém este entusiasmo ante a realidade vai afrouxando, e é então que começam as verdadeiras torturas. Chega o arrependimento, mas já é tarde!...

... estava Simão em Belém do Pará, esperando que lhe apparecesse uma colocação em qualquer casa comercial.

Com o auxílio do seu primo, comerciante muito relacionado, com facilidade arranjará um emprego na cidade.

Mas João, para salientar-se em Portugal, procurava um meio de enriquecer o parente em curto espaço de tempo.

Alguém lhe sugeriu que no interior do Estado era fácil arranjar um bom pecúlio; e, desde então, ficou resolvido que Simão iria para fora da capital.

Rafael dos Anjos contrariou-se com esta nova resolução; mas, para não desgostar o primo, o único conhecido que ali tinha, acedeu.

Com uma carta de recomendação para o dono do seringal xxx no rio Purus, embarcou o pobre rapaz num dos pequenos vapores que fazem aquella linha fluvial.

Não pensava o desgraçado nas torturas e desditas que ia passar!

## HOMENAGEM A FERREIRA DE CASTRO

À mercê que o navio se aproximava do porto de destino, iam os passageiros ficando alegres; porém o contrário se dava com Simão, lembrando-se que cada vez ficava mais longe do abrigo materno, dos conselhos e de tudo que nos prodigaliza a nossa genitora para nos suavizar a alma.

A 20 de Abril de 18..., depois de vinte e um dias de enfa-donha viagem, desembarcava Simão no seringal xxx, no Alto Amazonas.

Poucos dias após, estava ele empregado; mas ganhava um ordenado tão diminuto, que até eu, o autor, tenho vergonha de dizer a quantia pela qual se sujeitava a trabalhar o meu per-sonagem.

Agora, já não ouvia os ruídos buliçosos das cidades: só era acordado nas suas reflexões pelo «canto de alarme do wru e o grito tímido da inhambu».

A vida para o nosso amigo era péssima: guiando bois, carregando pesadas bolas de borracha em bruto, sofrendo insultos dalguns seringueiros que o odiavam e muitas vezes do pró-prio patrão, tudo, tudo suportava com a resignação de um Cristo, porque o veemente desejo de tornar a ver os seus ultrapassava a qualquer sacrifício.»

No capítulo III, vemos Simão já em Portugal, de regresso à sua terra natal:

«Após quinze dias de viagem, entrava o «Manauense» no porto de Leixões.

Quantos corações, vindos de além-mar, olhavam com infinito prazer para a pátria querida! Pensavam, ainda, que o que viam não era a verdade material, palpável, e sim uma das evocações que faziam, lá longe, em momentos nostálgicos!

Quantos namorados suspiravam, num suspiro de quem termina um serviço exaustivo, vendo chegar a hora de abraçarem a dulcineia, e da rústica casa de pedra que-lhe legaram os pro-genitores fazerem um ninho de amor!

Quantos ainda, cientes do seu valor, emprestado pelo dinheiro que, lícitamente ou não, conseguiram, desejavam mostrarem-se empavesados aos conhecidos da aldeia!

Só aqueles que não traziam pecúlio algum não tinham sen-sações. Estavam envergonhados de se apresentarem, ante os seus, pobres como saíam.

Estes, coitados, é que sofriam! E, enquanto houver dinheiro sobre a Terra, metade—o que digo?!—, noventa e nove por cento da Humanidade sofrerá.

Simão pertencia à primeira categoria dos citados. Apenas desembarcou do «Manauense», tomou o eléctrico de Matosinhos para o Porto, e daqui o comboio para Estarreja.

Sentado no banco do trem, com as pernas cruzadas e fumando

um cigarro, Simão, a cada momento que dum e doutro lado da linha férrea divisava lugares conhecidos, lembrava, com infundo prazer, o tempo que por eles passara, sendo pobre; e, comparando-o à sua vida presente, um sorriso de satisfação, ou, antes, um pouco de vaidade de que ser humano algum está isento, lhe assomava aos lábios.

O trem de vez em quando parava, e alguém de fora gritava o nome da estação.

— Estarreja! — gritaram numa das estações em que o comboio parou.

Simão, como se a palavra Estarreja exercesse alguma influência sobre ele, deu um pulo.

— Oh! Já tão perto da minha terra?! — disse ele, saltando do trem e fazendo sinal a um cocheiro, para que se aproximasse com o carro.

A carruagem conduziu Simão a casa do Snr. Mário e dali para Ossela.

Não posso dar-te uma ideia, leitor, da alegria, da comoção, do supremo prazer que sentia Simão ao passar pelos lugares em que na sua infância brincara. Ao recordar aquela fase da sua vida, duas lágrimas espontâneas despenharam-se dos olhos do mancebo e caíram sobre as suas mãos.

A carruagem já parou defronte da casa da Snr.<sup>a</sup> Clara; Simão já está no pátio; a Snr.<sup>a</sup> Clara acaba de aparecer à porta, e tu, leitor ou condescendente leitora, desculpa não te narrar esmiuçadamente o que se passou entre a mãe e o filho, que já se não viam há três anos, porque a minha pena é muito humilde para descrever cenas tão grandes.»

Finalmente, aqui têm V. Ex.<sup>as</sup>, como natural complemento da surpresa que lhes quis fazer, o último capítulo dessa primeira obra de ficção do nosso FERREIRA DE CASTRO. Chama-se — «O Casamento» — e ocupa as páginas 172 e 173, no último fascículo:

«Era um magnífico dia, este em que se passam os factos que vamos descrever. A Natureza parece que se engalanou com mais esmero para festejar o casamento de Simão com Beatriz.

Em casa da Snr.<sup>a</sup> Clara havia alguma faina. Tinham sido admitidos criados e cozinheiras; tudo se preparava para um modesto jantar, como exigira Simão.

— É hoje o enlace Silva-Anjos! — diziam os moradores da aldeia.

Beatriz, por um capricho, marcou o dia 6 de Janeiro, dia de Reis, para o seu consórcio, porque fazia naquele dia três anos que Simão embarcara para o Brasil.

Às 10 horas em ponto, estavam reunidos todos os convidados, inclusive o professor Portela, em casa do Snr. Manuel da Silva, pai da noiva.

## HOMENAGEM A FERREIRA DE CASTRO

O sino da igreja tocou pela terceira vez, e os devotos do Menino Cristo entraram na igreja para assistirem à missa.

Entre estes devotos, simples filhos do povo, notava-se o «cortejo Silva-Anjos», como diziam, que, apesar de pouca pompa que ostentava, distinguia-se entre os devotos, como o orador que ocupa uma tribuna no meio de grossa turba.

Duas horas depois, acabava a missa cantada, oferecida aos três Reis Magos; e, no meio do contentamento de todos, o reverendo Teixeira uniu para sempre Beatriz Antonieta da Silva a Simão Rafael dos Anjos.

As cabeças dos recém-casados foram atiradas grande quantidade de flores naturais, misturadas com confeitos e amêndoas, costume muito usado, em tais casos, nas aldeias.

Quando o cortejo transpôs a porta principal do templo, um homem, com o fato surrado, ajoelhou-se diante dos recém-casados e, com grande pasmo de todos, implorou:

— Meu Senhor, minha Senhora! Perdoai ao desgraçado Diogo os sofrimentos que vos causou.

— Está perdoado, e venha jantar! — disseram em coro Beatriz e Simão, enquanto este procurou levar Diogo para casa; mas ele, às primeiras palavras, desapareceu, envergonhado e maltrapilho, entre o povo que saía da igreja.»

Quais as leituras de FERREIRA DE CASTRO, ao conceber e pôr de pé o «Criminoso por Ambição»?

Dos nossos autores, talvez obras que pessoas amigas lhe emprestassem e uma ou outra que conseguisse adquirir; mas já lhe não eram estranhos alguns escritores estrangeiros, entre os quais os que cita nesta sua primeira produção: Balzac (pág. 22), Henrique Perez Escrich (pág. 38), Zola e Musset (pág. 158).

Tinha ele 15, 18 anos...

Antes dos 15, conhecia eu os *Contos para Nossos Filhos*, de Maria Amália Vaz de Carvalho e Gonçalves Crespo; as *Pupilas do Senhor Reitor*; *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*; uma ou outra história das *Mil e uma Noites*; qualquer coisa da chamada literatura de cordel, e pouco mais.

Já no Liceu, para onde só entrei com aquela idade, é que continuei Júlio Dinis e me familiarizei com Camilo, Herculano, Garrett, Rebelo da Silva, Arnaldo Gama, etc.

Balzac, Musset e Zola... só mais tarde, a partir das 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> classes, os conheci.

Tendo decidido regressar a Portugal, três anos após a sua estreia de romancista, e com a *avultadíssima* fortuna de quatrocentos escudos, FERREIRA DE CASTRO lança-se resolutamente na senda do jornalismo e das letras e vai publicando obras cada vez mais perfeitas, até que, retomando o tema inicial, nos dá as citadas obras-primas dos «Emigrantes» e d'«A Selva», que definitiva-

mente o impõem e consagram como escritor de primeiro plano na literatura nacional e universal.

Outras e outras se lhes seguem, numa actividade espantosa, abarcando sempre problemas humanos. E assim o vemos a estudar *in loco* as figuras dos novos romances e a percorrer os lugares onde magistralmente as faz movimentar. desde os da «Eternidade», «Terra Fria», «A Lã e a Neve», etc., até os dos «Pequenos Mundos e Velhas Civilizações» e «A Volta ao Mundo» — estas últimas como que réplicas da «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto.

Conhecedor das produções e dos processos dos mais notáveis escritores nacionais e estrangeiros, nem por isso deixa FERREIRA DE CASTRO de se nos revelar em toda a sua obra como personalidade original inconfundível: é *Ferreira de Castro!*

Preocupam-no constantemente os sofrimentos e as injustiças que atingem toda a Humanidade; ambiciona um Mundo de inteira paz e entendimento entre os homens e crê que ele será realidade em futuro relativamente próximo.

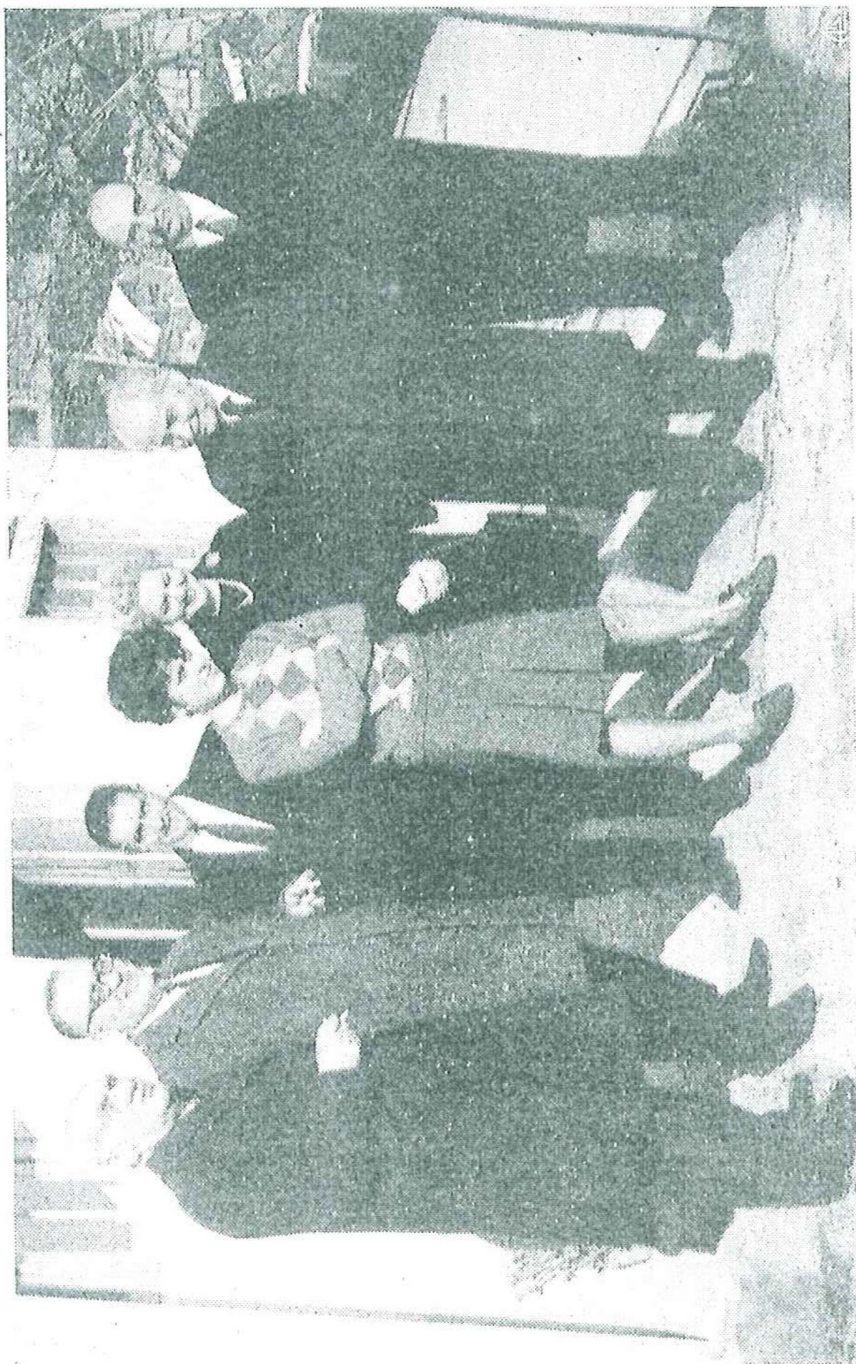
Em mensagem que em 1956 dirigiu a amigos seus, de Aveiro, lia-se este trecho antológico:

*«... amo Portugal inteiro, a Europa, o Mundo inteiro; amo profundamente o povo do nosso País, mas amo também toda a Humanidade. Amo o homem pelo facto de ser homem, um ser igual a mim, que sofre das mesmas dores e das mesmas alegrias, dos mesmos desesperos e das mesmas esperanças; que sonha com o amanhã e ao mesmo tempo tem saudades da sua infância; que é simples e complexo e aspira a uma felicidade que não possui; esse ser que tenho encontrado em todas as latitudes, igual, absolutamente igual nas suas características fundamentais e que eu amo tanto mais quanto mais infeliz ele for.»*

E em 1944, assim fechara a sua monumental «Volta ao Mundo»:

*«Alguns meses depois de havermos concluído a nossa viagem, voltámos à aldeia em que nascemos. E, uma tarde, subimos àquela mesma serra de urzes e pinheiros bravos aonde íamos, em criança, contemplar mais rasgados horizontes do que o do vale nativo; aonde íamos pressentir, adivinhar o Mundo que fascinava a nossa inquietude infantil. Chegados ao dorso da serrania, encontrávamos os mesmos panoramas de outrora, até as mesmas névoas a vedarem o mar, lá longe. Apenas alguns novos caminhos riscavam, serpejantes, as encostas vizinhas, e alguns novos lares fumegavam nos povoados que descortinávamos, em substituição de outros que o tempo ruíra. Tudo, porém, no seu conjunto, era igual. A única diferença grande que sentíamos existia em nós próprio. Haviam-se passado trinta anos e, durante eles, tínhamos rompido as névoas que nos oceanos*





Ferreira de Castro, Esposa e Filha, na manhã de 30 de Dezembro de 1966,  
em Macieira de Cambra, com Assis Esperança, Mário Sacramento,  
Álvaro Salema e Dulcídio Alegria (Da esquerda para a direita)

*ocultavam o Mundo aos nossos olhos. Tínhamos contemplado a beleza de quase toda a Terra e auscultado o coração de quase todos os povos que nela vivem. Podíamos, na solidão alpestre, fazer perpassar facilmente no nosso espírito as verdadeiras imagens do Mundo que nós, em menino, descalço e quase roto, vínhamos para aqui idealizar. O mistério, que então nos perturbava e atraía, fora deflorado. E contudo, verificámos que esta posse do Planeta não matou em nós o sortilégio da distância, a atracção do longínquo, a voz encantada que se oculta para além da linha do horizonte. Queríamos, como a personagem de um livro nosso («Eternidade»), como a maioria da Humanidade, viver muito, muito, para voltarmos a contemplar o Mundo depois da sua nova aurora, o Mundo que nós sabemos que virá um dia, um Mundo sem as injustiças e sem muitas das dores que os homens têm sofrido até agora. Queríamos ver o Mundo de amanhã e só depois disso, forçado pela lei fatal, vir buscar aqui, sob as estrelas, a intermina imobilidade».*

Tal o pensamento deste nosso egrégio conterrâneo, a quem Oliveira de Azeméis, por forte imperativo de consciência, manifesta hoje o orgulho que sente por todos os seus êxitos e pela enorme projecção que a sua obra literária alcançou no Mundo, — colocando-o assim no lugar cimeiro dos seus filhos mais queridos.

Para a posteridade, que muitas vezes esquece os seus grandes valores — por exemplo, este ano passou quase despercebido o terceiro centenário da morte do grande D. Francisco Manuel de Melo! —, ali fica na Praceta a figura do Manuel da Bouça dos «Emigrantes», a espevitar-lhe a atenção.

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Como verificaram, tive principalmente em vista frisar, perante V. Ex.<sup>as</sup>, a incrível ascensão de um simples e obscuro rapazito de Ossela a autor do romance «Criminoso por Ambição», cujo entretcho resumi e do qual lhes mostrei passos dos mais notáveis e esclarecedores.

Termino, agradecendo, mais uma vez, aos promotores desta justíssima manifestação a honra e o prazer que me deram, e exprimindo a minha admiração e veneração por este português de uma só fé, digno e íntegro, que apenas com catorze anos escreveu o seu primeiro trabalho literário, gérmen de futuras obras-primas, — lançado a público quatro anos depois, em 1916 — há meio século!

Curvemo-nos perante este grande oliveirense e gritemos bem alto:

Glória a FERREIRA DE CASTRO!»

## III — DE FERREIRA DE CASTRO

«Findava a tarde de 6 de Janeiro de 1911, quando atravesssei, menino ainda, a caminho da emigração, a Praça José da Costa, a praça que se abre aqui ao nosso lado. Não estava ainda ajardinada. Não ostentava ainda automóveis e, nesse dia de Reis, frio e sem comércio, raras pessoas se divisavam. Um grande silêncio dominava aquele crepúsculo em Oliveira de Azeméis.

Choroso e tímido, eu marchava para o meu destino. Até aí, a nossa vila sempre me parecera, quando eu vinha de Ossela à sua praça ou a casa do senhor Esteves, mais importante do que me parecem hoje as maiores capitais do Mundo; e os seus habitantes, comparados com os pobres camponeses da minha aldeia, uns grandes e poderosos senhores, perante os quais me sentia mais humilde e insignificante do que essas pedritas soltas que as enxurradas fazem rolar pelas encostas e só se detêm, como cisco, entre carumas e cascas de pinheiros, junto de rochedos enormes e solenes. Mas naquele inesquecível fim de tarde, um dos mais penosos que sofri, Oliveira de Azeméis já não parecia, aos meus olhos doridos, uma cidadela de príncipes, mas sim o prolongamento, já humanizado, da terra da minha infância — o prolongamento da minha angustiada saudade.

Muitas casas, muitas janelas desse tempo persistem ainda, na Rua dos Alegrias e na Praça José da Costa, que me viram passar, aldeãozito acabrunhado e de cabeça baixa; mas nem elas, mesmo que possuíssem a alma secreta que atribuímos às coisas em momentos poéticos, nem elas, nem eu, nem ninguém, poderíamos imaginar então que um dia se levantaria aqui, à beira do meu caminho de pequeno emigrante, algo mais duradouro do que as pègadas do meu breve trânsito, algo mais duradouro do que a minha própria vida, mais duradouro do que a minha pobre obra. Ninguém poderia imaginar a cena que nos reúne hoje aqui, cena que me pareceu inverosímil quando escrevi estas palavras e inverosímil continua a parecer-me agora mesmo que as pronuncio.

Esse acto de transmutação, inteiramente imprevisito, que converteu o pó da estrada amarga num metal nobre e resistente, eis o que mais me impressiona, se o vinculo, como o faço neste momento, àquele dia de intenso desespero. Como foi isso possível?

Todos os oliveirenses sabem que não lhes pedi nada, que não estimulei ninguém, que me mantive completamente à margem desta iniciativa. Todos sabem também que sou um escritor independente, que ama a liberdade e a justiça social, um escritor que jamais solicitou fosse o que fosse ao seu País e que discorda profundamente das ideias oficiais. Mas os oliveirenses de todas as opiniões, mesmo as mais antagónicas, quiseram colocar o amor pela nossa terra, tão bela e tão impregnada de poesia,

acima das suas divergências ideológicas, acima das discordâncias que as minhas próprias ideias a alguns deles inspiram. Caso raro, se não singular, tanto mais que não o mereço, ele parece-me sublimar, dentro da ampla mentalidade a que obedeceu, o exemplar affecto dos oliveirenses, e mesmo de alguns que o não são, pela terra em que nascemos.

O que mais me comove, o que me comove profundamente nas demonstrações de simpatia que a generosidade de tantos portugueses me têm feito este ano e nesta que os meus conterrâneos me fazem hoje, de maneira inolvidável e única, é que elas se caracterizam por um absoluto desinteresse material de quem as promoveu ou nelas tomou parte. Realmente eu não dirijo coisa alguma, ninguém pode ter ambições para eu satisfazer; realmente não tenho nada para dar além do meu coração — e esse não possui valor prático, como se sabe.

Vários escritores de diferentes países, mais do que geralmente se supõe, têm vivido na sua existência momentos como este que estou vivendo agora. Não creio, porém, que algum deles haja sentido maior emoção do que esta que eu sinto hoje.

E, contudo, eu não teria vindo aqui, como não fui à abertura da exposição biobibliográfica que se realizou em Lisboa, se este admirável bronze de Eduardo Tavares representasse a minha pessoa. Sentir-me-ia imensamente perturbado, sentir-me-ia mesmo como que vexado, se viesse. Admiro muito o grande Vítor Hugo, mas não me admiro menos de que ele e outros escritores houvessem tido a coragem suficiente, o sangue-frio necessário, a convicção dos seus méritos, para assistirem à erecção das suas próprias estátuas em praças públicas.

Felizmente, a figura que se ergue sobre aquela peanha representa não a mim, mas o povo português através de várias personagens dos meus livros; o povo olhando uma das mãos vazia de bens materiais, enquanto afasta com a outra, o suor que duras penas lhe fazem brotar do rosto. Nada me parecia interessar tão profundamente do que esta luminosa ideia de aliar o meu nome ao povo da nossa terra, ao povo de Portugal inteiro, talvez porque sou povo também.

Durante as quatro décadas que já conta o romance «Emigrantes», houve a tendência para se tomar a personagem Manuel da Bouça como um símbolo da emigração, como um símbolo dos homens de mão vazia e do trabalho que produz suor, mas não compensa. Duas vezes abordei o problema dos emigrantes, a primeira no livro que escrevi, esse ingénuo «Criminoso por Ambição», com que iniciei a minha vida de romancista; a segunda na obra que hoje se lembra aqui. Duma e de outra vez, a personagem central gerou-se no concelho de Oliveira de Azeméis. Que Oliveira de Azeméis ofereça hoje às terras nacionais ou estrangeiras onde a vida dos deserdados se caracterize por vicissitudes sem

## HOMENAGEM A FERREIRA DE CASTRO

conta, este símbolo dos homens que aspiram a um mundo mais justo, é um acto que enobrece grandemente e que a mim toca o coração e o espírito do modo mais intenso e profundo.

Desde menino, quando não sabia ainda que viria a amar a Humanidade inteira, os povos de todas as latitudes, por cima de todas as fronteiras e de todos os conceitos de pátria, ansiei percorrer o mundo. E um dia, quando já amava os nossos semelhantes, já constituía uma preocupação da minha vida, pude, enfim, percorrer o mundo, pude associar aos povos que ia conhecendo o povo português, às paisagens que ia contemplando as paisagens da nossa terra, aquelas que me acompanharam sempre ao longo da existência, com um encanto inefável e uma nostalgia por vezes dramática, que só avaliará integralmente quem emigrou em criança, deixando por tempo indeterminado, as árvores, os caminhos românticos, as fontes cantantes da sua infância. E é sobre as recordações da infância, sobre as paisagens e os homens que as habitavam, que se construirá, como sobre um pedestal — sabem-no bem os escritores — a nossa vida e a nossa obra.

Meus conterrâneos, meus amigos, por muito imaginativo que eu fosse, por muito que acreditasse na vossa generosidade, nunca esperei este momento. Por ele vcs abraço, por ele vos agradeço de todo o meu coração. Desde os catorze anos, acredito nas virtualidades do ser humano e porque o dia de hoje, em Oliveira de Azeméis, confirma as minhas ideias, vos estou mais grato ainda. Como não sermos solidários com os homens que aspiram à justiça, à paz e ao amor sobre a Terra, com os homens que procuram vencer—e tantas vezes o conseguem—os limites estabelecidos pela Natureza e que, pelo seu génio e pelo seu trabalho, têm realizado, apesar de serem tão efémeros e tão frágeis, actos tão maravilhosos?»

\*

Terminada a fala de FERREIRA DE CASTRO, muito aplaudida, foi concedida a palavra aos Snrs. Dr. Dulcídio Alegria, Alberto Couto e Dr. Carlos do Vale.

O primeiro dos oradores, presidente da Casa da Comarca de Oliveira de Azeméis, com sede em Lisboa, anunciou que esse organismo havia instituído o prémio escolar do «Escritor Ferreira de Castro», destinado a galardoar anualmente o melhor aluno e a melhor aluna da 4.<sup>a</sup> classe da Escola Primária de Ossela.

Alberto Couto leu uma saudação do escritor João da Silva Correia a Ferreira de Castro, e o Dr. Carlos do Vale, na sua qualidade de presidente da Associação de Jornalistas, saudou igualmente a FERREIRA DE CASTRO, a quem entregou um objecto de prata, que a aludida colectividade lhe oferecia.

À noite, na pousada de Serém, houve um jantar de homenagem, de carácter íntimo, mas no qual se reuniram algumas dezenas de oliveirenses e de escritores e admiradores da obra de FERREIRA DE CASTRO.

\*

Dois volumes comemorativos do Cinquentenário foram publicados pela «Portugália Editora»: em Dezembro de 1966, os «*Emigrantes*», ed. de luxo, com ilustrações de Júlio Pomar e posfácio especial do Autor; e, em Dezembro de 1967, também ed. de luxo, o «*Livro do Cinquentenário da Vida Literária de Ferreira de Castro*», organizado por Matilde Rosa Araújo, Alexandre Cabral, Álvaro Salema e Assis Esperança, — no qual se reuniram numerosos escritos e discursos de homenagem, publicados, quer em Portugal, quer no estrangeiro, durante o ano do Cinquentenário.

JOSÉ TAVARES